

*Vivemos em tempos de “economia globalizada”. Nem sempre conseguimos compreender o significado dessa expressão, o que exige um apurado discernimento dos seus elementos constitutivos nos âmbitos social, político e cultural. O fato é que o sistema econômico atual apresenta padrões universais que afetam a vida das pessoas, individual e socialmente. Esses padrões criam comportamentos, também universais, nos indivíduos e na sociedade, apresentando o econômico como fator determinante da vida em todo o planeta.*

*Não há consenso sobre qual seria o sistema econômico ideal para as sociedades do nosso tempo. Seja como for, para além dos conceitos, a economia, globalizada nos critérios do neoliberalismo, é um fato que caracteriza a atual fase planetária do capitalismo. Promove a autonomia do indivíduo-sujeito, a especialização dos diferentes domínios da atividade social, a emancipação da ordem temporal. Enfatiza a ênfase no progresso a qualquer custo, sobretudo pelo desenvolvimento científico-tecnológico, a produção acelerada, a comunicação rápida.*

*Daqui as mudanças de alcance global, com diferenças e matizes em cada região do planeta. Tais mudanças “têm consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a religião” (DAp 35).*

*A economia atual é contraditória: amplia benefícios de alguns poucos, às custas do aprofundamento das desigualdades entre as sociedades e no interior de uma mesma sociedade. Em suas características globais, a eficácia da técnica e do mercado criam uma nova visão da realidade, homogeneizando visões de mundo e comportamentos, com a super-valorização da subjetividade individual, o enfraquecimento dos vínculos comunitários, a avidez do mercado, a implantação de culturas artificiais (DAp 45). O econômico se sobrepõe e condiciona as outras dimensões da vida humana. O mercado tudo absolutiza. Os grandes mo-*



*monopólios internacionais privilegiam o lucro e estimulam a concorrência, tendo como consequência a concentração de recursos físicos e monetários, da informação e da técnica. Nesse sistema, “os excluídos não são somente ‘explorados’, mas ‘supérfluos’ e ‘descartáveis’” (DAP 65).*

*Paradoxalmente, sistemas econômicos são construídos também no âmbito da religiosidade que tem como modelo o advento do Reino. Nesse âmbito a economia encontra condições para criar a sua utopia, sua oferta de sentido para o homo oeconomicus. E tem a contrapartida. Quase como que em busca de sobrevivência, muitas tradições religiosas passaram a adotar a lógica da atual economia globalizada. Como os monopólios monetários quebram as fronteiras dos mercados nacionais, também para a religião não há fronteiras. Elas passaram a utilizar estratégias de marketing para se expandirem e sobreviverem na concorrência do mercado religioso. As idéias religiosas transformaram-se em produtos mercadológicos. Essas idéias migram e criam novas identidades, reconfigurando o mapa do sagrado e do religioso em âmbito mundial.*

*Economia globalizada, cultura globalizada, religião globalizada. Tudo parece ligado como fios de uma rede. A questão é: como fica a vida do ser humano e do planeta nesse contexto? O que as igrejas, as religiões, a fé, têm a ver com isso?*

*Isso tem tudo a ver com fé, com igreja, com religião, porque tem a ver com a vida dos filhos e filhas de Deus. Por isso é também necessária uma apurada análise, da relação entre economia e religião, economia e igreja, economia e fé, economia e vida, detectando os elementos de encontros e desencontros, de sintonia e de oposição entre uma realidade e outra.*

*Situa-se aqui a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2010. Ela quer mostrar que ter fé, ser membro de uma Igreja, ter uma religião, exige um posicionamento crítico frente ao atual sistema econômico. A CF 2010 é ecumênica: convoca as Igrejas para um compromisso: apontar caminhos para a superação dos problemas causados pelo atual sistema econômico, superando suas contradições pela promoção da justiça, da repartição igualitária dos bens, da equidade nas condições de sobrevivência das pessoas. Conclama os cristãos de todas as Igrejas a afirmarem a função social da fé, como*



*criadora de sentido para a vida das pessoas, para além do sentido oferecido pelo sistema econômico. Todos precisam afirmar uma justa relação entre vida e economia. Os paradigmas econômicos não podem prescindir dos valores que sustentam a vida em sua totalidade. Assim cada cristão, cada crente que assumir a CFE 2010, sente-se chamado/a para promover uma economia diferente, marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos. A justa relação entre economia e vida propicia o serviço da caridade, a promoção da dignidade da pessoa, a solidariedade, o acesso à educação, ao trabalho, à terra, à habitação, enfim a todos os meios para a manutenção da vida.*

*Tal é o que se propõe a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2010, ao relacionar Economia e Vida. O objetivo é nobre: “Colaborar na promoção de uma economia a serviço da vida, fundamentada no ideal da cultura da paz, a partir do esforço conjunto das Igrejas Cristãs e de pessoas de boa vontade, para que todos contribuam na construção do bem comum em vista de uma sociedade sem exclusão”.*

*Em alguns ambientes, o ecumenismo está fortalecendo a ação conjunta das Igrejas em prol de uma sociedade melhor. Onde cresce o ecumenismo, há fortalecimento das organizações de resistência ao atual sistema econômico, propondo modos alternativos para a vida social e individual, como o Fórum Social Mundial e as propostas de economia solidária, entre outros.*

*Será difícil uma ação que erradique os elementos negativos da economia globalizada como um todo. O seu núcleo é fortemente anti-humano. Mas a CFE, assumida com garra, permite às Igrejas influenciarem indivíduos, instituições, grupos, alimentando a utopia do Reino entre nós: uma outra sociedade, uma comunidade fraterna, sem fome, miséria, desigualdades e injustiças sociais. Para isso, as Igrejas precisam assumir juntas, ecumenicamente, o esforço por humanizar o sistema econômico, promovendo a dignidade humana, os direitos humanos, a espiritualidade do diálogo, a solidariedade. As Igrejas podem, juntas, projetar um horizonte de um mundo mais justo e solidário, de inclusão social. Para tanto é preciso afirmar ser o humano a razão do serviço que as Igrejas oferecem ao mundo e a Deus. Se o divino é fim da religião, o humano é o seu meio. A*



*experiência do Sagrado sacraliza o mundo. E o humano desprezado, marginalizado, excluído, negado em seus direitos e em sua dignidade, é a expressão maior da contradição de qualquer sistema, seja religioso, seja social, econômico, político e cultural.*

*A revista Encontros Teológicos, fiel à opção feita desde seus inícios, de dedicar o primeiro número do ano ao tema da Campanha da Fraternidade, quer, na presente edição, contribuir para a reflexão sobre Economia e Vida, afirmando que quem crê em Deus “não pode servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro”. Esse é o intento dos artigos que a seguir apresentamos.*

O Editor